Acervo ISA

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2003
Editora Verene Wolke// verene@correioweb.com.br
Subeditor Plácido Fernandes// placido@correioweb.com.br
Tels. 342-1172 • 342-1100

> **EU GOSTAVA DE ESCOLA. PODERIA TER VIRADO ADVOGADO**
>
> *José Paulo, índio xavante adotado por uma família branca em Ribeirão Preto*

AVENTURA XAVANTE

Adotados por famílias brancas, os índios têm um prazo para retornar às aldeias. É o momento de abandonar a vida que levavam na cidade

O difícil regresso

Fotos: Paulo de Araújo

JOSÉ PAULO, HOJE COM 42 ANOS, VOLTOU À ALDEIA EM 1980 PARA SE CASAR: EMPREGO NA FUNAI RENDE R$ 1.300 MENSAIS

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte CB (Brasil)
Data 14/4/2003 Pg. 10 e 11
Class. Xavante/Bera
330

Acervo ISA

BERNARDINO FURTADO
ENVIADO ESPECIAL

Canarana (MT) — Em julho próximo, a reserva xavante do Rio das Mortes celebrará a maior festa dos últimos 15 anos. Será o derradeiro rito de iniciação dos meninos internados no Hö, a casa dos solteiros, ou, numa tradução conceitual, a escola espiritual dos xavantes. A grandiosidade da festa decorre do aumento da população. Há muito tempo não se conseguia reunir tantas crianças. No centro da aldeia Pimentel Barbosa, a mais antiga e populosa da reserva, estarão em posição de destaque os xavantes enviados, na década de 70, pelo velho cacique Apowê, para serem educados em Ribeirão Preto. O grupo produziu três caciques — Suptó Wa'iri, André Suruprédo e Cipatsé — e o vice-cacique Paulo Supretaprã. Os demais — José Paulo, Roberto, Tsetetó e Siridiwê — gozam de notório prestígio na comunidade.

Numa sociedade de consumo, vale perguntar, porém, se a conquista de um lugar de liderança social compensa a troca da vida de classe média na cidade pelo cotidiano da aldeia. Em suas ocas sem eletricidade, banheiro e água corrente, Suptó e seus companheiros enfrentam borrachudos no verão e carrapatos no inverno. Na edição de ontem, o **Correio** mostrou como é a vida dos xavantes que são adotados por famílias brancas em Ribeirão Preto (SP). Mas o retorno — obrigatório — ás vezes é tão complicado quanto a ida.

Roberto, de 43 anos de idade, enumera as vantagens de viver na aldeia. "Aqui é a liberdade, não temos que seguir aquele monte de regras da cidade e não se paga imposto". Confessa, porém, que, ao voltar à aldeia em 1980, sentiu muita falta da comida feita com óleo, da carne diária à mesa, dos filmes de bangue-bangue e dos programas de Sílvio Santos. Sofreu também para se acostumar à falta das músicas de Roberto Carlos. "Agora já passou. Sou feliz aqui", afirma.

AQUI (NA ALDEIA) É A LIBERDADE. NÃO TEMOS QUE SEGUIR AQUELE MONTE DE REGRAS DA CIDADE

Roberto, 43 anos, xavante que passou parte da adolescência em Ribeirão Preto

Vídeos e discos

José Paulo, de 42 anos, só lamenta não ter podido estudar além da sexta série. "Eu gostava de escola. Poderia ter virado advogado." Em 1980, ele voltou à aldeia para se casar. Tirou carteira de motorista e conseguiu um emprego na Fundação Nacional do Índio (Funai), que lhe garante, atualmente, um salário de R$ 1.300. Assumiu mais duas mulheres e teve 12 filhos. Para garantir alimento, planta roças com os irmãos, cunhados e genros.

As justificativas prosaicas de Roberto e José Paulo não conseguem ocultar o fundamental: o profundo sentimento de fidelidade étnica. Amados por seus pais adotivos, alguns abastados, poderiam ter lhes cobrado apoio para se manter na cidade. Nem mesmo aqueles que quebraram tabus tribais se conformaram com a rejeição na sociedade original. Siridiwê, por exemplo, se uniu a uma mulher não-índia, com quem teve um filho. Depois de um longo ostracismo, conseguiu ser aceito na reserva. Desempenha o papel de divulgar a cultura xavante e buscar patrocínios para a produção de vídeos e discos.

Cipatsé casou com Siveriah, uma índia Karajá, etnia inimiga dos xavantes. Passou meses brigando com os parentes até conseguir a bênção para o casamento numa cerimônia tradicional de seu povo. Acabou sendo ungido cacique da aldeia Wederã, para onde levou Siveriah para dirigir a escola. "Lutei para que meu casamento fosse aceito porque eu e minha companheira queríamos trabalhar para a comunidade", lembra Cipatsé.

Para voltar ao meio xavante, Paulo Supretaprã teve de pôr fim a um noivado. Ele atribui o rompimento à oposição da família da moça. Com 18 anos de idade e empregado numa indústria de sapatos, Supretaprã parece ter sentido mais as pressões contrárias dos parentes, que foram a Ribeirão Preto buscá-lo, e dos pais adotivos. "Fiquei com muita raiva", conta o vice-cacique de Pimentel Barbosa, casado, dez filhos e professor de ensino fundamental na aldeia, com salário de R$ 270. A manutenção da cidadania xavante lhe deu compensações. Depois de visitar cinco países da Europa para exibições de dança, ele quer conhecer o Egito.

Como convém a um cacique, Suptó garante que nunca teve dúvida sobre o lugar que deveria ocupar no mundo. Educado por um procurador da Fazenda Nacional e uma professora, Suptó orgulha-se de ter sido escolhido cacique aos 25 anos de idade graças ao dom de falar com os espíritos. Como chefe político, goza de dois privilégios visíveis. Na sua oca está instalada a única televisão da aldeia — de 18 polegadas — e tem prioridade para pilotar uma vistosa caminhonete F-250. Quando se dirige à cidade para levar doentes e buscar remédios, coloca em alto volume uma fita de música xavante no toca-fitas.

Documentação
Fonte CB (Brasil)
Data 14/4/2003 Pg 10
Class.

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OB (Brasil)
Data 14/4/2003 Pg 10
Class. 330

3

Aposentadoria como fonte de renda

Canarana (MT) — Nos 328 mil hectares de cerrado da reserva Rio das Mortes, os 1.500 xavantes vivem na linha de pobreza. Na maioria das 30 ocas de Pimentel Barbosa, espécie de capital da reserva, a única fonte de renda segura são as aposentadorias do INSS. A dieta básica consiste de arroz e feijão. O acompanhamento varia de acordo com as roças sazonais — abóbora, milho e mandioca —, os resultados das caçadas nos fins de semana, e os frutos e raízes que o cerrado produz. A abundância de água, retirada por bombas de um poço artesiano e distribuída em vários pontos da aldeia, é um contraponto positivo. Apesar da subnutrição inevitável resultante desse regime alimentar, os sinais de aumento da população são evidentes. Em Pimentel Barbosa, há cerca de 80 crianças de até cinco anos de idade.

NA RESERVA RIO DAS MORTES, CACIQUE PREPARA A FLECHA ARTESANALMENTE: XAVANTES SÃO CAÇADORES E COLETORES

Os líderes da reserva não parecem dispostos a transformar seu povo numa racional comunidade agrícola de alta produtividade. Seria uma ruptura. Por tradição, os xavantes são caçadores e coletores. A agricultura sempre foi uma atividade secundária. Certas lavouras, como o milho, têm uma finalidade mais ritual do que de segurança alimentar. Até a década de 1960, por exemplo, os xavantes resistiam à introdução do cultivo de arroz e mandioca. O conservadorismo tem seus efeitos benéficos. Em Pimentel Barbosa, não há alcoolismo e o regime comunal garante a solidariedade alimentar.

A exploração econômica do patrimônio cultural da comunidade tem sido o alvo privilegiado da elite política da reserva. Diferentemente da maioria dos povos indígenas brasileiras, os xavantes de Rio das Mortes jamais aceitaram a catequização religiosa e valorizam de modo especial sua dança, sua música e, especialmente, seus rituais. Nos últimos cinco anos, gravaram com a banda Sepultura, produziram um vídeo com narração do cantor Milton Nascimento, publicaram um luxuoso livro com patrocínio do Serviço Nacional do Comércio (Sesc) e correram mundo em apresentações de música e dança. O cacique Cipatsé está envolvido num novo e ousado projeto. Construiu nas proximidades da aldeia Wederã uma grande oca para receber visitantes. Quer trazer biólogos para estudar o cerrado e turistas estrangeiros para conhecer a cultura xavante. (BF)

Acervo ISA

CRIME ORGANIZADO

Estudo internacional mostra fragilidades na fronteira entre Brasil e Colômbia e revela que crise no país vizinho afeta a Bacia Amazônia

Rota de armas e drogas

DA REDAÇÃO

Relatório inédito do International Crisis Group, uma das principais entidades de avaliação política européia que funciona como consultoria para vários governos, mostra que o tráfico de armas entre Brasil e Colômbia aumenta de forma preocupante e os efeitos do conflito no país vizinho começam a ser sentidos nas grandes cidades brasileiras.

A entidade, liderada pelo ex-presidente da Finlândia Martti Ahtisaari, acaba de fazer uma ampla avaliação do impacto da guerra colombiana nos países da Bacia Amazônia a partir de informações confidenciais fornecidas por militares e políticos da América do Sul.

Segundo a investigação, pelo menos 20 mil rifles AK-47, granadas e outras armas entraram na Colômbia desde 1999. Boa parte do arsenal caiu nas mãos de grupos paramilitares e da guerrilha. "A maior parte desse armamento fazia parte dos estoques dos ex-países do bloco soviético", ressalta o documento. O relatório aponta que, após a Guerra Fria, alguns governos optaram por se desfazer do material bélico e vender as armas para novos mercados.

CONTRABANDO

20 MIL

rifles AK-47 entraram na Colômbia a partir de 1999. Parte do arsenal caiu nas mãos de grupos paramilitares

Sobre o Brasil, o estudo revela que aviões nacionais fazem viagens a regiões de Guainía, Vichada e Vaupés (leste da Colômbia) e trocam armas brasileiras por drogas. Segundo o próprio governo colombiano, 25 aviões teriam sido detectados apenas no ano de 2001. A rota estaria estimulando o comércio de armas e de drogas entre os dois países.

Repercussão

O International Crisis Group conclui que, durante muito tempo, o governo brasileiro imaginou estar protegido do conflito na Colômbia graças à floresta amazônica. A "barreira verde" impediria que grupos armados optassem por cruzar a fronteira com o Brasil. Hoje, ressalta o estudo, há o reconhecimento de que, se a mata dificulta a penetração de grupos armados, o Brasil não está imune às repercussões do conflito.

Uma das conseqüências seria o aumento da violência nas grandes cidades do país, o que está diretamente ligado ao tráfico de drogas. Outro reflexo seria o aumento do consumo de drogas pelos brasileiros. Segundo o estudo, o Brasil é hoje o segundo maior consumidor de cocaína do hemisfério americano. Há também o risco de um aumento da corrupção, incentivada pelo dinheiro da droga.

O estudo revela ainda a estratégia usada pelos traficantes para fazer a circulação da cocaína. O Brasil serviria de conexão para outros mercados consumidores de droga. Segundo a investigação concluída pelo International Crisis Group, "a cocaína refinada que entra no Brasil por via aérea é distribuída na Europa e Estados Unidos, enquanto a droga para o consumo no Brasil entra por barcos que usam a rede de rios que conecta os dois países".

ISA INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte O Globo (Brasil)
Data 14/11/2003 Pg 11
Class.